

IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2012.

A radicalidade da lógica consumista e seus impactos sobre as subjetividades contemporâneas.

Seltzer Goldstein, Thaís.

Cita:

Seltzer Goldstein, Thaís (2012). *A radicalidade da lógica consumista e seus impactos sobre as subjetividades contemporâneas*. IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-072/66>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/emcu/03C>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A RADICALIDADE DA LÓGICA CONSUMISTA E SEUS IMPACTOS SOBRE AS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

Seltzer Goldstein Thaís

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Resumen

Considerando a complexidade do ser humano e do mundo contemporâneo, bem como o compromisso ético-político da Psicologia, o presente trabalho aborda o problema da lógica consumista que permeia as relações sociais nas sociedades capitalistas atuais e seus possíveis efeitos sobre as subjetividades contemporâneas. Por meio da análise de três exemplos divulgados nas redes sociais virtuais, e de contribuições da psicanálise e psicologia social, pretende abranger reflexões sobre a gravidade de determinados fenômenos e as possibilidades da Psicologia fazer frente a eles, somando forças na luta pela promoção da saúde e da dignidade humana

Palabras Clave

Capitalismo, subjetividades contemporâneas, consumismo.

Abstract

THE RADICAL CONSUMERIST LOGIC AND ITS IMPACT ON THE CONTEMPORARY SUBJECTIVITIES

Considering the complexity of human beings and of the contemporary world, as well as the ethical and political perspective of psychology, this paper addresses the problem of the logic of consumerism that permeates social relations in current capitalist societies and their possible effects on contemporary subjectivities. Through the analysis of three examples disclosed in virtual social networks, and some contributions of psychoanalysis and social psychology, this paper intent to cover reflections on the severity of certain phenomena and the possibilities of psychology to face them, joining forces in the struggle for promotion of health and human dignity.

Key Words

Capitalism, contemporary subjectivities, consumerism.

Introduccion

O presente trabalho analisa três diferentes notícias que circularam nas redes sociais no ano de 2012, à luz de contribuições teóricas de autores e psicanalistas da atualidade, suscitando reflexões fundamentais à psicologia contemporânea. Estas análises fazem parte de uma pesquisa em andamento que, entre outros objetivos, busca analisar os impactos da lógica consumista sobre os corpos, as subjetividades, os laços sociais e os próprios valores civilizatórios no mundo contemporâneo.

Troco meu rim por um Ipad 2

Em 02/06/2011, foi publicado na seção “Inacreditável” do Portal UOL^[i], um artigo sobre o caso de um adolescente chinês que vendeu o próprio rim para comprar o último modelo de um equipamento eletrônico. Destaco alguns trechos:

“Eu queria comprar um Ipad 2, mas não tinha o dinheiro”, contou o adolescente à emissora de TV Shenzhen, no sul da província de Guangdong. “Quando eu vi na internet que eles estavam dispostos a pagar 20 mil Yuan (R\$4.890) por um rim, não pensei duas vezes”, acrescentou”. (...) “Eu queria saber como ele conseguiu tanto dinheiro para comprar aquelas coisas, então eu vi a cicatriz vermelha e ele confessou ter vendido um rim”, disse a mãe do jovem insano. Quando lançarem o ipad 3, esse jovem não poderá mais vender um rim, qual órgão será que ele vai querer colocar na jogada? Francamente, que louco esse “Zheng”!? Você seria capaz de vender seus órgãos para comprar produtos eletrônicos de última geração? Melhor rever alguns conceitos.^[1]

Note-se que o jornalista não hesita em chamar o jovem de “insano”, mas esse jovem apenas expressa a insanidade caricata de uma lógica consumista que inunda nossas vidas e nos leva a (querer) consumir mais e mais, irrefletidamente.

Sabe-se que, desde 1920, donos de indústrias contam com o trabalho de engenheiros, designers e publicitários para produzir mercadorias marcadas pela “obsolescência planejada”^[ii]. Elas são produzidas de maneira que, com pouco tempo de uso, quebrem ou se tornem obsoletas; e assim se reforça um ciclo de consumo e desperdício desenfreados em um mundo com recursos finitos. Dessa forma, não se pode pensar que o rapaz chinês é o único a padecer de insanidade: ele está em perfeita consonância com uma economia que é, em si, insana.

Prostituição adolescente agenciada virtualmente

O segundo exemplo, como este do jovem chinês, também corrobora a ideia de que redutos supostamente preservados de “capitalização” – como o corpo, a sexualidade e a casa familiar – quando considerados no interior do jogo competitivo e insano da economia capitalista, são friamente negociados.

Essa segunda reportagem foi divulgada no portal da UOL em 28 de fevereiro desse ano, e é sobre uma menina de 15 anos que foi flagrada pelos pais, no apartamento da família, interagindo sexualmente com 17 homens, aparentando estar sóbria e consensual. De acordo com a

reportagem, ela contou aos pais que havia realizado um leilão virtual de uma noite de prazeres em uma rede social. Segundo apurou a mãe, os lances vencedores estavam empatados em R\$ 3.500,00. A reportagem ainda informa que, somente no final de semana seguinte, a caderneta de poupança da moça havia aumentado em R\$ 63 mil com os depósitos feitos. Conta-se que, quando os pais retornaram de viagem e interromperam a “prestação de serviços” da garota, a grande preocupação dela era com a “quebra de contrato”. Refere-se ainda que os pais foram à delegacia, mas não abriram queixa de abuso sexual contra a filha adolescente. Decidiram ficar com dinheiro. Transcrevo abaixo um trecho.

Dr. Peçanha (o delegado) afirmou que casos como este são mais frequentes do que se imagina. ‘A Twitcam virou uma espécie de Shop Time da pornografia’ onde meninas de 15 a 18 anos vendem sua intimidade em busca de seguidores ou dinheiro para alimentar seus desejos consumistas. Os pais desconheciam o fato da menor já possuir em sua caderneta de poupança R\$ 234.128,50. A caderneta de poupança fora aberta quando ela tinha 12 anos e os pais fizeram um único depósito no valor de R\$ 50 no momento da abertura. A surpresa foi enorme diante da descoberta. Os pais estudam agora o que fazer com este montante. A hipótese mais provável é a compra de um imóvel em nome da filha[iii].

Interessante perceber que, mesmo reprovando a atitude da menina, os pais se rendem à mesma lógica consumista e perversa que naturaliza o crime como possibilidade legítima de se comprar algo que, por meio do trabalho, não teriam como comprar.

Cabe notar que, até quase o final do século XX, vestir roupas de adulto, andar de salto ou mesmo passar batom eram brincadeiras de caráter extremamente sedutor. Diferentemente, hoje, muitas adolescentes fazem as unhas, tingem o cabelo, vestem roupas transparentes que convocam à sexualidade. Também na maioria das revistas de moda, as modelos são meninas de doze ou treze anos, que se apresentam como mulheres, aliás, como objetos do desejo. Junto a isso, cresce o número de crianças que acompanham programas televisivos para adultos e se expõem sexualmente diante da tela do computador.

A “precocização” de processos que dependeriam de tempo de maturação no desenvolvimento humano parece estar relacionada a um excesso de estímulos e à preponderância da virtualidade como campo privilegiado de relações sociais: nessa esfera, a sexualidade vai se escancarando (seja na tela do computador, seja no banheiro da escola) esvaziada de mistérios, de imaginação e também do receio da imoralidade. Pessoas vão se tornando corpos em busca de gozo, sem culpa, sem sentimento, sem mistério e até mesmo sem desejo. Atirados no mundo virtual e do consumo, crianças e adolescentes são menos exigidos em termos de imaginação, criatividade e moralidade.

Kehl (2011, p. 145) afirma que a erotização de crianças e adolescentes na atualidade também está associada à onipresença de imagens sexuais nos outdoors, na televisão, nas lojas, nas revistas – “por onde olha, o sujeito se depara com o sexual desvelado que se oferece e o convida”.

O psicanalista José Outeiral (2001) acredita que os desafios do período escolar que coincide com a “fase de latência” também vêm sendo alterados, uma vez que na virada do século XX para o XXI, vem crescendo significativamente a exposição da criança ao erotismo e à sexualidade genital, dificultando conquistas que seriam esperadas para esse período, quais sejam: a dessexualização das relações de

objeto presentes na infância, para que se desenvolvessem processos de sublimação e sentimentos como a ternura, o pudor, a repugnância, as aspirações morais e estéticas.

Da mesma maneira que Kehl, Outeiral acredita que estejamos vivendo o fenômeno da “abreviação do período de latência” em função dos abusos da cultura: crianças e adolescentes são precoce e excessivamente expostos à sexualidade e ao erotismo genital, nas mais diversas esferas da vida, sobretudo nos meios de comunicação.

Show de humor ou de horror?

O último exemplo parece-me importante em função da discussão por ele suscitada durante uma aula de Psicologia Social, quando a docente partilhou com a turma de alunos a sua perplexidade diante de um vídeo publicado na rede social Face Book, sobre um grupo de “humoristas” que faz propagandas de seus shows com teor altamente preconceituoso[iv]. Nesse caso específico, o nome deste grupo de “humor”, além de sugerir gargalhadas on line, faz alusão explícita ao grupo fascista Ku Klux Klan, apresentando-se como “KKK” e mostrando um chapéu idêntico ao que cobria a cabeça dos carrascos que pertenciam a tal organização. O moço do vídeo assume publicamente que eles fazem piadas com negros, judeus, nordestinos, deficientes e gays, justificando que a casa lota, que o povo gosta. Mas ele não comenta que os espectadores, antes do show, são obrigados a assinar um termo de consentimento, no qual afirmam que não se sentirão ofendidos com nada do que ali acontecerá, como se fosse possível prever e enquadrar, burocraticamente, os afetos.

No calor da discussão em sala de aula e da quase unanimidade das indignações, uma aluna se pronunciou na direção oposta. Disse ser a favor de tal tipo de show, afirmando que o humor é assim mesmo e que censurar era uma bobagem (tipo a onda do “politicamente correto”), sendo uma hipocrisia negar que o ser humano não ache graça nisso. Ela ainda mencionou um programa televisivo que desconheço, chamado “The Aristocrats”, cuja audiência nos EUA é grande: nesse show, impera o humor escatológico e a humilhação.

O argumento da aluna era de que o humor de mau gosto se justifica na medida em que “as pessoas não riem de mais nada”. Esse argumento dá o que pensar. Surgem perguntas como: então antes as pessoas riem de quê? Por que não riem mais? O riso é tão necessário que não importa como seja produzido? Não será essa mais uma expressão de um imperativo contemporâneo de que é preciso gozar cada vez mais, e a qualquer custo? Quem acha graça na humilhação?

A aluna - tal como o “comediante” - ampara-se na perigosa lógica de que “os fins justificam os meios”. Contudo, parece-me que “fazer rir” figura-se como “finalidade” apenas na perspectiva dos mais ingênuos. A finalidade, de meu ponto de vista, é sobretudo o lucro dos empresários do ramo do entretenimento. E o meio, a humilhação.

O filósofo francês Henri Bergson, na obra “Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comichão” (2011) trata da temática do humor como experiência em que o ser humano é abordado como objeto ou bicho, agindo mecanicamente, por imitação ou por instinto, e portanto desprovido de qualquer sofisticação racional própria da espécie humana. Rimos do outro e de nós mesmos quando percebemos determinadas situações que revelam nossas facetas abobalhadas, de modo que, se conseguimos nos distanciar de sentimentos como vergonha e culpa, essa constatação faz rir. Mas há uma grande

diferença entre rir de situações inusitadas, que podem acontecer com feios e bonitos, brancos e negros, pobres e ricos, latinos e europeus, mulheres e homens, heterossexuais e gays, judeus e árabes, crentes e ateus etc. - e (fazer) rir de situações de rebaixamento que reforçam estereótipos nada inocentes, porque atrelados a situações reais de desumanização e violência.

Freud defendia que o riso e o humor como alvos de repressão fazem parte da civilização. De fato, o humor sem limites, como qualquer outro ato humano sem limites, é algo problemático. Incomodar-se com o tema dos limites – marca da geração questionadora dos anos 60 – se, por um lado, trouxe liberdade de expressão, emancipações sociais e críticas importantíssimas a determinadas práticas /valores autoritários vigentes na modernidade, por outro, abriu espaço para novas armadilhas. Uma delas, discutida por Hannah Arendt, em *A Crise na Educação* (1954), diz respeito à confusão entre “autoridade” e “autoritarismo”: ao se criticar a lei autoritária, deixou-se vazio o lugar da autoridade. E diante de nenhuma autoridade, tudo é permitido, inclusive os atos mais bárbaros.

O limite transposto nesse tipo de “humor” dos KKK não é só o limite de um “bom gosto”, mas o limite de um ethos humano[v]. Transpô-lo desumaniza não apenas os alvos da humilhação, mas os próprios “comediantes”, que precisam se promover através do rebaixamento alheio. Constata-se, assim, que a humilhação, que deveria ser algo repudiável, também já virou mercadoria.

Frente a situações de humilhação social - que permeiam não apenas shows de humor, mas também o cotidiano de inúmeros trabalhadores, imigrantes, mulheres, minorias étnicas, etc. - o psicólogo social Gonçalves Filho (2007) entende ser necessário um enfrentamento simultaneamente psicológico e político, pois o trabalho interior de “digestão” da humilhação requer não apenas a lida com sentimentos, mas com reflexão e companhia de outros que aceitem pensar junto. Esta visão fundamenta metodologias de intervenção psicossocial baseadas em experiências intersubjetivas e/ou coletivas potencialmente capazes de reduzir ou mesmo reparar danos éticos e psíquicos de indivíduos e grupos, em geral expressos mais visivelmente por meio do adoecimento de alguns.

A confusão entre autoridade e autoritarismo

Os três exemplos acima discutidos apontam para uma crise de valores e práticas na educação e na cultura.

Em “Os desafios da educação no século XXI”, Viégas (2011) retoma uma discussão proposta por Hannah Arendt no período pós guerra e pós ditaduras mundiais, quando se refletia sobre o papel da educação na construção de novos caminhos que não reproduzissem o autoritarismo, tanto nas escolas como nas famílias. A filósofa alemã levanta a hipótese de que, pelo temor de recair em posturas autoritárias, os adultos foram se desinvestindo do papel de autoridade[vi]. Para Viégas, a história recente sobre a relação de pais e educadores com o papel de autoridade fez-se em um movimento “pendular” – ora pelo excesso/abuso da autoridade (vide as palmatórias e humilhações públicas), ora pela ausência da autoridade, a qual deixa seu lugar aberto a todo tipo de manifestação humana, inclusive a do mal e sua banalização. De fato, até há algumas décadas atrás, educadores, pais e avós chegavam a bater nos educandos, se assim achassem pertinente. Os jovens que combateram essas posturas na década de 60 – pais e avós da atualidade – talvez para evitá-las, deixaram o

lugar da autoridade no vácuo.

(...) Deixou-se de bater, mas também deixou-se de ensinar, de contar a própria história. Deixou-se de falar em utopia para os mais jovens, que hoje vivem em um mundo sem esperança e sem um projeto maior. Quando muito se fala de um projeto de vida em particular; raramente em projeto de mundo, de sociedade, de relações humanas. Sem que nos déssemos conta dessa confusão entre autoridade e autoritarismo, o fato é que muitos educadores deixaram esse lugar vazio. (Viégas, 2010, p. 18).

A crise da função paterna

Hoje em dia, nos meios psicanalíticos, é comum se ouvir falar de “crise da função paterna” ou “crise da lei”. Sua outra face é a chamada “crise do sujeito”, que busca se sustentar em meio a uma pulverização de referências que, até meados do século passado, garantiam a transmissão da lei. Kehl (2001) argumenta que não se trata de uma “ausência de lei” na atualidade, mas de uma fragilidade das formações imaginárias que davam sentido e consistência à interdição do incesto – considerada por Freud como condição universal à chamada “vida civilizada”. Segundo Kehl, o mundo privado das relações afetivas e familiares está atravessado pela mesma linguagem e lógica da eficiência comercial, e os sujeitos, identificados a mercadorias, temem não agradecer.

(...) As referências tradicionais – Deus, Pátria, Família, Trabalho, Pai – pulverizaram-se em milhares de referências optativas, para uso privado do freguês. (...) O self-made man dos primórdios do capitalismo deixou de ser o trabalhador esforçado e econômico para se tornar o gestor de seu próprio “perfil do consumidor” a partir de modelos de oferta no mercado. Cada um tem o direito e o dever de compor a seu gosto um campo próprio de referências, de estilo, de ideais. Aparentemente, não devemos mais nada ao Pai e ao grupo social a que pertencemos, dos quais imaginamos prescindir para saber quem somos. (ibidem, p. 143).

Considerações Finais

Considerando uma série de transformações e problemáticas advindas com a modernidade e acentuadas na contemporaneidade, torna-se imprescindível à Psicologia de nossos tempos considerar a influência de aspectos sócio culturais sobre a produção de subjetividades contemporâneas. Nesse sentido, para além da radicalidade com que a lógica consumista pode se expressar nas práticas sociais e subjetividades atuais, caberia estender a reflexão, considerando uma série de outros aspectos que também perfazem nosso mundo, muitas vezes golpeando eticamente os seres humanos.

Dentre eles, destaque: o desemprego, o desenvolvimento tecnológico concomitante à precarização da vida de tantos e escassez de recursos ambientais, o imediatismo, a instrumentalização excessiva das relações humanas, a patologização do sofrimento, a predominância da virtualidade no cotidiano das relações sociais, a perda de vínculos mais estáveis de pertença coletiva, a pulverização de referências simbólicas, o imperativo do gozar sempre e cada vez mais, entre outros tantos aspectos.

Refletir sobre o mundo em que vivemos é fundamental para que possamos buscar compreender de que sofrem e como adoecem os sujeitos contemporâneos, sem o que as intervenções no campo da

psicologia perdem o seu sentido.

[i] Reportagem publicada no dia 2/6/2011, na página virtual da UOL <http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/inacreditavel/2011/06/02/276658-adolescente-chines-vende-o-proprio-rim-para-comprar-ipad-2>

[ii] No documentário “The light bulb conspiracy” (2009), de Cosima Dannoritzer, conta-se que o primeiro caso registrado de “obsolescência programada” data de 1920; até então, vendia-se um tipo de lâmpada que durava 25 mil horas. Mas nesse ano, um grupo de produtores de lâmpadas, chamado de “Comitê das mil horas”, decidiu dominar o mercado com a venda de lâmpadas especialmente planejadas e confeccionadas para terem vida útil muito reduzida, e assim, para estimular um maior consumo.

[iii] Site de referência: UOL Ligação TIM Reportagem do dia 28/02/2012. <http://ligacaoteen.virgula.uol.com.br/lifestyle/comportamento/pais-encontram-filha-de-15-anos-em-orgia-com-17-homens/34492/>

[iv] No youtube o link é: <http://www.youtube.com/watch?v=8oSQ6cJW1w>.

[v] Aqui a palavra *ethos* pode também ser referida ao seu sentido de “casa”, “morada”.

Bibliografia:

- ARENDE, H. (2011). *Entre o passado e o futuro*. (7ª Edição) São Paulo: Editora Perspectiva.
- BERGSON, H. (2001) *Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comicidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- FILHO, J. M. G. (2007). “Humilhação Social, Humilhação Política” in *Orientação à Queixa Escolar*, Beatriz de Paula Souza (org.). São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo.
- FREUD, S. (1969) *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Edições Standard, Ed. Imago.
- JERUSALINKSKI, A. N. (2004). “Adolescência e Contemporaneidade” in *Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Conselho Regional de Psicologia 7ª Região. Porto Alegre: Libretos.
- KEHL, M. R. (2009). *O tempo e o cão A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- _____. (2011). *18 Crônicas e mais algumas*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- OUTEIRAL, J. “Adolescência: modernidade e pós-modernidade” in *Geração Delivery: o adolescer no mundo atual* (Org. Cybelle Weinberg). (2005). Porto Alegre: Sá Editora.
- VIÉGAS, L. (2010). “A aventura de educar no século XXI” in *Revista da Escola de Pais do Brasil*. Salvador: Secção Salvador.